



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: "Identities, Values and Ways of Life"

"KUDURO, ESTILOS DE VIDA E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO EM LISBOA"

KUDURO, LIFESTYLES AND IDENTIFICATION PROCESSES IN LISBON

MARCON" , "Frank"

"Doutor em Antropologia Social",

"Universidade Federal de Sergipe - BRASIL" ,

"marconfrank@hotmail.com"

Resumo

Um dos objetivos é compreender como, ao lado de outras formas de expressão cultural juvenis, em Lisboa, o kuduro, assim como o hip-hop, o rap e o reggae, passou a fazer parte integrante do consumo e da produção cultural dos jovens da periferia, principalmente dos jovens africanos e descendentes. A escola, a rua e a internet se tornaram os principais espaços de socialização do kuduro, principalmente a partir da Região Metropolitana de Lisboa, fazendo emergir um estilo de vida que parece constituir laços de afinidade geracionais, além de afinidades sonoras, corporais, linguísticas e culturais, expressas na forma de fazer e ouvir música, de vestir, andar e dançar, de falar, assim como de reproduzir saberes, práticas e histórias familiares e de vida. Em tal contexto, são expressos e se constituem os processos de produção, circulação e consumo local do kuduro. Este trabalho está baseado em dados obtidos a partir de pesquisas de observação direta realizada na Região Metropolitana de Lisboa nos últimos dois anos e o acompanhamento on-line através das redes sociais na internet das atividades de diferentes jovens residentes Lisboa, que estão envolvidos com estilo.

Abstract

One of the goals is to understand how, alongside other forms of cultural expression among young people, in Lisbon, kuduro, as well as hip-hop, rap and reggae, has become an integral part of cultural production and consumption of young people from the outskirts, mainly of young Africans and descendants. The school, the street and the internet became the primary socialization spaces of kuduro, mainly from the Lisbon Metropolitan area, making emerge a lifestyle that seems to constitute the generational ties of affinity, and bodily noise affinities, language and culture, expressed either in the form of making and listening to music, dress up, walk and dance, talk, as well as play knowledge family stories, practical, and life. In such a context, are expressed and whether they constitute the production processes, circulation and local consumption of kuduro. This work is based on data obtained from searches direct observation held in Lisbon Metropolitan region over the past two years and the follow-up online through social networks on the internet activities of different young Lisbon residents are involved with style.

Palavras-chave: "Estilo de Vida; Kuduro; Juventude; Identidades; Lisboa"

Keywords: "Lifestyle; Kuduro; Youth; Identities; Lisbon"

PAP1510

Kuduro, estilos de vida e processos de identificação em Lisboa¹

O kuduro é um estilo de dança e música de rua que surgiu na cidade de Luanda, em Angola, nos anos noventa, do século passado, e nos últimos quinze anos popularizou-se não só naquele país, como também em Portugal, no Brasil e em outros países do mundo, em cada qual com peculiaridades próprias, embora em meio a fluxos transnacionais. Um aspecto interessante é a relação entre a música e a imigração angolana e outro aspecto significativo é a relação entre a produção, a circulação e o consumo num contexto de espetacularização do kuduro.

Nos últimos anos, tenho me dedicado ao estudo de questões relacionadas ao kuduro e observado o quanto esta forma de expressão têm se tornado interessante para a análise de fenômenos sociais contemporâneos, entre os quais destaco: 1) a música e a dança como componentes de estilos de vida juvenis e espetaculares no tempo presente, marcados por critérios geracionais e de diferenças sociais, como nas perspectivas das pesquisas do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS); 2) o movimento, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos articulados aos processos de identidades coletivas em contextos de usos das tecnologias de informação e comunicação; 3) as formas contemporâneas dos fluxos transnacionais e instantâneos de estilos musicais, surgidos também em áreas do mundo consideradas periféricas pelo mercado fonográfico; 4) a elaboração e re-elaboração dos sentidos dados a um estilo de música nos diferentes contextos sociais e nacionais em que ela é produzida e consumida; 5) além, entre outras, de questões relacionadas aos formatos e aos conteúdos narrativos rítmicos e corporais de expressões como o kuduro para análises sobre gosto e poder relacionados às juventudes, incluindo aí discussões sobre o espaço público, protagonismos juvenis e os usos das tecnologias de informação e comunicação.

Neste artigo, estou interessado em analisar a relação entre o kuduro, enquanto estilo de vida², e o contexto no qual surge esta manifestação na Região Metropolitana de Lisboa, com a qual alguns jovens se identificam. Por juventude entendo a construção social com a qual se nomeiam grupos pelo critério etário ou pela idéia de fase da vida associada a um período intermediário entre a infância e a vida adulta num dado contexto sócio-político, assim como, o modo pelos quais aqueles que se consideram jovens se afirmam como tal. Independente das motivações, as jovens da última década vivenciam experiências locais e globais muito distintas das gerações anteriores, que influenciam suas tomadas de decisões e suas afeições e repulsas ideológicas e de consumo.

1. O kuduro em Lisboa

Na última década, em Portugal, alguns estudos sobre formas de expressões características dos contextos juvenis e periféricos foram elaborados por Pais (2000), Contador (2001), Fradique (2003) e Gusmão (2004), entre outros³. Alguns pensando a presença pública da juventude e suas expressividades, o consumo e o domínio das novas tecnologias por parte dos jovens, a presença e a relação deles com a escola, o seu envolvimento na criminalidade, a construção social dos jovens como representação pública do Estado e da sociedade, além de estudos sobre os jovens em suas práticas de informalidade, de convivialidade e de solidariedade.

Sobre os jovens africanos, imigrantes ou descendentes, alguns dos primeiros estudos relacionavam o rap ao cotidiano de tais jovens e suas formas de expressão social (Machado, 1994; Contador, 2001; Fradique, 2003; entre outros). Em relação ao kuduro, apesar de ser um estilo de dança e música presente no país desde fins dos anos noventa, muito pouco se escreveu a este respeito. A Dissertação de Mestrado em Antropologia, de Maria Manuel da Costa Bringel (1998), com o título: *Kuduro, flamengo e rap: identidades culturais salientes num contexto escolar urbano*; é o primeiro trabalho de pesquisa que envolveu algum tipo de abordagem sobre o kuduro. Escrita em 1998, a Dissertação nos dá uma pista de que o estilo já estava presente nas escolas das freguesias do município Amadora, na Região Metropolitana de Lisboa, em meados dos anos noventa. O trabalho trata do tema imigração-escola, utilizando-se de teorias da etnicidade e sua relação com o consumo para estudar as relações entre o uso de indumentárias, gostos e estilos musicais, bem como à expressão de identidades étnicas em sala de aula, a partir da relação entre diferentes influências culturais associadas à imigração no contexto escolar.

Além da pesquisa de Bringel (1998), pelo menos mais dois estudos recentes fazem alguma referência mais ou menos enfáticas sobre o kuduro. A Dissertação de Mestrado em Imigrações Inter-Etnicidades e Transnacionalismo, de Olivier Guiot, de 2009, com o título: *Os processos de negociações identitárias nas culturas expressivas juvenis. O caso do kuduro na área metropolitana de Lisboa*; em que o autor propõe analisar como a manifestação do kuduro está presente nas manifestações identitárias dos jovens em Lisboa, tomando como estudo o caso do grupo Buraka Som Sistema e o caso de um grupo de dançarinos denominados Mil Mambos, analisando suas aproximações e diferenças. O outro estudo recente é a pesquisa de Marta Rosales (2009), para o Observatório da Imigração, denominado: *Crescer Fora D'Água? Expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Região Metropolitana de Lisboa*; em que são escolhidas duas regiões periféricas para estudar as expressividades dos jovens de origem africana, entre as quais o kuduro aparece como sendo um dos elementos mais significativos entre eles, quando encontrado nas práticas cotidianas e nas escolas dos municípios Amadora, Loures e Odivelas.

A experiência com a literatura apontada acima e a aproximação que fiz junto aos municípios da Região Metropolitana de Lisboa, durante o ano de 2010, possibilitou a constatação mais precisa de que nestas localidades estão as principais áreas de residência dos imigrantes africanos e seus descendentes, bem como que é nestas áreas que encontramos a presença de jovens envolvidos ativamente com o kuduro. Estive em algumas localidades, como: bairro Fetais, freguesia de Camarate, município de Loures; bairro Terraços da Ponte, freguesia de Sacavém, município de Loures; bairro Fundo Fomento, freguesia Vale da Amoreira, município de Moita; bairro Arroja, município de Odivelas, e em vários bairros de diferentes freguesias do município Amadora, localizadas no percurso da chamada Linha de Sintra (linha de trem suburbano que faz a ligação entre Lisboa e o município de Sintra, atravessando alguns municípios e diversas freguesias).

A partir de contatos previamente estabelecidos com alguns líderes de associações de moradores de diferentes bairros, fui estabelecendo uma importante rede de contatos para a pesquisa. Primeiramente, através de informações obtidas junto à Associação Mointense dos Amigos de Angola e à Associação dos Residentes Angolanos de Odivelas, cheguei a alguns jovens envolvidos com o kuduro e que estão articulados às associações, através das quais são chamados para realizarem apresentações em escolas, em festas de freguesias e em festivais. A partir deles, fui ampliando o acesso a outros. Estes jovens vivem em bairros diferentes, mas, muitas vezes, se conhecem e têm contato uns com os outros, mesmo com aqueles que vivem mais distantes de seu bairro ou localidade de moradia. Encontrá-los foi como desfiar um novelo. As redes de contato entre eles são estabelecidas por amizade, por parentesco, por encontros fortuitos ou por outros elos sociais que revelam sentimentos de afinidade compartilhados⁴.

Para além dos círculos familiares, os encontros entre tais jovens acontecem através das escolas ou de lugares de entretenimento e lazer, como os centros comerciais, bares, discotecas ou festas particulares ou de associações, bem como através dos meios de comunicação eletrônicos, oportunizados pela rede mundial de computadores, principalmente através das redes sociais (*my space, facebook, hi5*, entre outras), dos *blogs* e dos *sites* de compartilhamento de vídeos e músicas.

Alguns destes jovens nasceram na África, outros são filhos de imigrantes africanos. Em casa, na escola, nas festas e na rua, diferentes estilos de música estão presentes no cotidiano, seja pelo seu próprio repertório de experiências ou pelo repertório de seus pais, ou ainda através de amigos e parentes que vão chegando a Portugal como novos imigrantes. De qualquer modo, a experiência de ouvir estilos de música como: funaná, coladeira, quizomba, semba, kuduro, entre outros, é uma experiência comum que remete ao repertório musical que é reproduzido nos espaços sociais da experiência da imigração africana, em Lisboa. A partir de tal repertório, estes jovens se socializam e mantêm um senso de experiências coletivas próprias, que reproduz os sons, a linguagem oral e corporal dos países de origem, às vezes tornando as referências simbólicas de um país, em específico, como: Angola ou Cabo Verde, referências de toda uma experiência de imigração africana.

Entre os jovens que se consideram dançarinos, músicos ou produtores de kuduro, com os quais tive contato mais direto, alguns deles nasceram em Portugal, outros vieram para Portugal ainda crianças, mas em nossos diálogos definiram-se sempre, como: angolanos, caboverdeanos, guineenses e são-tomenses. Muitos deles começam muito cedo, ainda na escola, trazendo músicas gravadas nos celulares ou noutros suportes eletrônicos. Através do domínio destes suportes, eles compartilham a música com outros colegas ou fazem

apresentações de passos de danças, que aprendem com familiares e amigos ou mesmo através dos vídeos que acessam na internet, postados por grupos angolanos de kuduro. Nos anos noventa, antes desta profusão de suportes eletrônicos individuais, o kuduro chegava por fitas K-7, de áudio e vídeo, e era ouvido e reproduzido entre estes jovens, chegando, ainda assim, às escolas, mesmo que numa dinâmica temporal menos veloz que nos dias de hoje.

Vários dos jovens que hoje têm grupos de kuduro ou atuam sozinhos, começaram ainda crianças, dançando na rua e na escola, passando a se apresentar em eventos culturais na Região Metropolitana de Lisboa, contatados pelas associações de imigrantes e de moradores nas freguesias ou municípios em que vivem. As associações têm, nestes casos, um papel de articulação que possibilita certa visibilidade para muitos destes grupos.

Nos anos noventa, as músicas ouvidas e utilizadas nas apresentações e competições de dança de rua, em Lisboa, eram produzidas em Angola. As músicas do momento, que mais faziam sucesso em Luanda, quase instantaneamente apareciam tocando também em Portugal. Se a comunicação entre os imigrantes e os países de origem já era de certa maneira muito fluída, recentemente, principalmente entre os jovens, ela se tornou muito mais veloz e eficaz, a partir da popularização da internet. Músicas e vídeos são postados em *sites* de redes sociais e de compartilhamento de arquivos em Angola e acessados instantaneamente em Portugal tornando-se a novidade do momento nas escolas, discotecas e espaços de entretenimento e de lazer de tais jovens.

Na última década, alguns grupos de kuduro começaram também a compor e a produzir música, como é o caso, entre outros, dos grupos: BF, K.55, Nova Geração e N'Gapa⁵. Com o acesso facilitado à compra de computadores pessoais e à aquisição de programas de edição e produção de áudio e vídeo, vários destes jovens passaram a experimentar outras formas de envolvimento com o kuduro. Assim como já ocorria com o kuduro em Angola, as músicas produzidas por eles passaram a circular eletronicamente através das suas redes sociais de contato face a face (a família, a vizinhança, a escola, os amigos do trabalho e das festas) ou de contatos virtuais (das comunidades em que participam na internet). Os espaços de difusão coletiva das suas produções musicais são os mesmos da dança, pois muitos passaram a agregar o valor da novidade de atuarem como músicos aos grupos de dançarinos dos quais já participavam.

Outro contexto em que os jovens envolvidos com o kuduro ganharam expressão pública foi na atuação como DJs em festas e discotecas, ou como produtores musicais, quando gradativamente passaram a dominar as tecnologias de criação e produção de música eletrônica. No que diz respeito à atividade dos DJs, eles passaram a atuar comandando a música das festas arranjadas por grêmios escolares e grupos de amigos, alguns deles passando a ser chamados para animar discotecas famosas, reconhecidas como espaços de música africana, em Lisboa.

Muitos jovens envolvem-se com a cena do kuduro, simplesmente como ouvintes ou em busca do entretenimento ocasional no encontro de amigos e em festas, mas outros acabam por se envolver mais efetivamente investindo boa parte de seu tempo livre na criação de coreografias de danças, na composição ou na produção de música. De qualquer modo, o que se constata é que em espaços de residência e socialização das juventudes africanas em Lisboa, como nas localidades de Terraços da Ponte (Sacavém), Fundo Fomento (Vale da Amoreira), Massamá (Amadora), Fetais (Loures) e Arroja (Odivelas), o lazer destes jovens está associado ao envolvimento com estilos musicais específicos e com alguma associação às experiências dos países de origem. Entre os jovens, o kuduro acaba envolvendo o perfil etário mais novo da juventude imigrante, em fase de escolarização básica, moradores de bairros da periferia, com baixo poder aquisitivo, mas atuando no impulso ao consumo e ao acesso de informação associada ao estilo musical com o qual estão envolvidos.

2. O estilo e a linguagem

O kuduro é um estilo de dança e música que surge caracterizado por um novo contexto tecnológico de produção, reprodução e difusão, independentes de gravadoras e de distribuidoras, marcado pela circulação nuclear e centrípeta (que irradia de um grupo de amigos para uma rede maior e dali para outros grupos de amigos que vivem distantes), através dos suportes de arquivo virtual de música e vídeo, chegando aos

diferentes bairros, cidades e países, sem delimitação de fronteiras específicas (através de computadores e telefones móveis), e sem um mecanismo de controle comercial formal sobre sua circulação e consumo. Apesar de algumas poucas gravadoras e distribuidoras de renome já terem lançado discos de artistas de kuduro que ganharam grandes proporções de consumo comercial, esta é apenas uma das facetas do que se produz e se ouve no contexto do kuduro⁶. O estilo está diretamente e fortemente relacionado mais com a maneira com que a dança e a música são produzidas, consumidas e correlacionadas. Portanto, a música e a dança estão, neste caso, sendo vivenciadas tanto na rua, quanto na escola e nas festas, quanto na internet. Talvez com o progressivo acesso às tecnologias digitais de captação de imagem (filmadoras, máquinas fotográficas e telefones móveis) a produção de vídeos de kuduro tenha feito emergir um novo momento *on-line* para o estilo, através do qual se reproduz com autonomia e de forma mais evidente a experiência plástica visual e sonora do estilo em *off-line*.⁷ Os computadores e as tecnológicas móveis possibilitaram uma ampla autônoma e dinamização ao estilo.

A base da dança são as formas de balanço do quadril associados a uma variedade de passos e acrobacias que procuram acompanhar a batida forte e veloz da música. Em alguns casos, o kuduro é composto de passos solos, em outros, os passos são coordenados em conjunto por um dado grupo. Durante a dança, observam-se alguns aspectos lúdicos nas expressões corporais, quase sempre relacionadas às expressões faciais elaboradas pelos dançarinos e as formas de movimento corporal que testam ou brincam com os limites do corpo, através de coreografias inusitadas. Tais características estão ainda recheadas de sensualidade e sarcasmo. As apresentações dos dançarinos compõem a face visual do kuduro, extremamente relacionadas e complementadas pela face musical. Os arquivos em vídeos difundidos pela internet reproduzem *on-line* a característica *off-line* de atenção ao visual, relacionada à indumentária colorida e aos movimentos corporais flexíveis e ousados.

Os que se consideram artistas na cena do kuduro, usam cortes de cabelo exóticos ou bonés, roupas e sapatos coloridos, além de adereços, como: brincos e outros adereços no pescoço ou braços. Muitos jovens envolvem-se com a cena do kuduro, simplesmente como ouvintes ou em busca do entretenimento ocasional (mesmo que apenas *on-line*) no encontro de amigos e em festas, mas outros acabam por se envolver mais efetivamente investindo boa parte de seu tempo livre na criação de coreografias de danças, na composição eletrônica de faixas sonoras ou na produção dos vídeos e músicas. De qualquer modo, o lazer destes jovens está associado ao envolvimento com a produção visual, a elaboração de novos passos e o treino da dança, além do acesso cada vez mais facilitado aos computadores pessoais e o seu uso para criação e edição. O kuduro envolve majoritariamente um perfil etário entre 13 e 26 anos, que consome e acessa a informação associada ao estilo com o qual estão envolvidos. As novidades que se espalham na internet ou nos contextos *off-line* estão reciprocamente conectadas, ou seja a inovação nos adereços, no modo de falar, nos passos de dança ou na sonoridade podem surgir através dos compartilhamentos de arquivos na internet e se espalharem pelas discotecas e festas, influenciando novas produções ou vice-versa.

Em Angola e Portugal, o kuduro é mais do que a dança e a música, é um estilo de vida que envolve formas de se vestir, de falar, de conviver com os amigos, bem como de marcar a alteridade com relação a outros estilos de vida entre a juventude⁸. Está associado ao uso do tempo livre e as redes de amizade e solidariedades estabelecidas entre familiares, vizinhos e, por vezes, aos colegas de escola. São grupos que ultrapassam o universo dos artistas que ganham projeção na mídia, apesar de fazerem parte da sua audiência. Se o kuduro primeiro foi consumido, para depois ser produzido pelos jovens, interessa também entender as facetas destas formas de consumo e circulação, quando ela se torna uma característica de estilo de vida, associado à juventude angolana, e africana, no país ou na diáspora.

Para Arjun Appadurai⁹, os meios de comunicação e os movimentos migratórios de massa da contemporaneidade apresentam questões antropológicas que devem nos fazer pensar na relação das comunicações, das solidariedades, das trocas econômicas, das hierarquias, das produções, dos consumos, das identidades, das tensões com os fenômenos de desterritorialização financeira, étnica, midiática, técnica e ideológica. Em tal contexto, o consumo contemporâneo da música através de dispositivos móveis, como: walkman, mp3, telefones, entre outros, possibilitam que a produção, a reprodução e a circulação da música sejam redefinidas por um contexto de fluidez de micronarrativas, ao mesmo tempo pessoais e articuladas a uma rede de audiências com experiências sociais mais ou menos compartilhadas.

As práticas e relacionamentos com a música por parte destes jovens são possibilidades para percebermos

alguns contornos dos processos sociais nos quais eles estão inseridos. A presença da denominada música africana (kuduro, morna, koladera, funaná, quiizomba, entre outras) entre os jovens africanos, em Portugal, por exemplo, remete a um processo de identificação que passa pelo sentido de referência a um coletivo etnicizado, e que envolve a família, a vizinhança e os amigos. No caso específico do kuduro, a singularidade também é geracional. São os jovens de um dado contexto marcando uma diferença de gosto com relação aos adultos. É como uma “etnreferência” mimética dos significados da diáspora para os imigrantes africanos de diferentes nacionalidades (Contador, 2001), também reconhecendo sua relação direta a uma forma de expressar a juventude.

De tal perspectiva, temos uma relação interessante entre os estudos sobre culturas jovens e estilo de vida, associados aos processos de identificação, mesmo que sazonais. São possibilidades de compreensão sobre um dado conjunto de características mais ou menos similares nas práticas e discursos de um determinado grupo, marcado pela faixa etária aproximada, pelo envolvimento com a memória da imigração, pela experiência de distinção social e pelo uso de objetos e espaços comuns. São gostos e práticas que demarcam também uma plasticidade na forma de se vivenciar a experiência da juventude em cenários influenciados mutuamente por questões locais e globais.

3. Considerações finais

Procurei demonstrar aqui o quanto estilos de vida como o kuduro estão redimensionando as formas e os sentidos de aproximação e distanciamento entre as pessoas, através das práticas e relações sociais associadas às juventudes e de como estas funcionam marcando distinções sociais e afinidades entre os grupos, mesmo que ultrapassando os limites do contato face a face, bem como as delimitações das comunidades nacionais, quando pensamos que tal envolvimento é local, mas também conectado com referências produzidas nos países africanos de procedência da imigração. Mesmo que, para além de uma referência a Angola, o kuduro se torne uma referência mais generalizada à África.

Entre as características dos modos de articulação, mobilização e divulgação sobre encontros, sobre festas e sobre as novidades musicais que vêm dos países originários da imigração africana ou mesmo sobre as músicas produzidas por estes jovens em Lisboa, está o domínio e o acesso às tecnologias da informação e comunicação móveis e instantâneas. As novidades rapidamente se espalham, os grupos e as pessoas manipulam as ferramentas a sua disposição, se encontram e se reconhecem mutuamente nos lugares em que se apresentam. O kuduro se tornou um meio pelo qual tais jovens experimentam e ativam um senso de identificação coletiva que os distingue da geração dos seus pais, ao mobilizarem novos aprendizados tecnológicos e novos recursos simbólicos, sonoros e plásticos, no modo de se expor e reivindicar algum reconhecimento social; mas que também os distinguem de outros jovens, entre outras coisas, por acionarem uma referência afirmativa sobre a idéia do que é ser jovem e africano, imigrante ou descendente.

Referências Bibliográficas

- Almeida, Miguel Vale de (2000) *Um Mar da cor da terra: raça, cultura e política da identidade*. Oeiras: Celta.
- Appadurai, Arjun (2004) *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Barth, Fredrik (1998) “Grupos étnicos e suas fronteiras”, in Poutignat, Philippe e Streiff-Fenart, Jocelyne, *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: ed. UNESP.
- Bennet, Andy, Kahn-Harris, Keith (2004) *After Subculture: critical studies in contemporary youth culture*. Editado por Andy Bennet e Keith Kahn-Harris.
- Bhabha, Homi (1998) *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG.
- Bringel, Maria Manuel da Costa (1998) *Kuduro, flamengo e rap: identidades culturais salientes num contexto escolar urbano*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Nova de Lisboa.
- Canclini, Néstor. Garcia (1999). *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- Carvalho, Francisco Avelino. O lugar dos negros na imagem de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 52, 2006, pp. 87-108
- Carvalho, João Duarte de (2009) *As políticas de imigração do Estado português, entre 1991 e 2004*. Portugal: ACIDI (Coleção Teses, 26).
- Coelho, Maria Zara Pinto. Jovens no discurso da imprensa portuguesa: um estudo exploratório. *Análise Social*, vol. XLIV (191), 2009, 361-37.
- Contador, António Concorde (1998) “Consciência de geração e etnicidade: da segunda geração aos novos luso-africanos”. *Revista Sociologia: problemas e práticas*, n. 26: 57-83.
- Contador, António Concorde (2001) *Cultura juvenil negra em Portugal*. Oeiras, p. 103.
- Featherstone, Mike (1995) *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Feldman-Bianco, Bela (2002) “Entre a fortaleza da Europa e os laços afetivos da irmandade luso-brasileira: um drama familiar em um só ato”, in Bastos, Cristiana; Almeida, Miguel Vale de e Feldman-Bianco, Bela (orgs.), *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: ICS.
- Fradique, Teresa (2003) *Fixar o movimento: representações da música rap em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gilroy, Paul (2001) *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34: Rio de Janeiro.
- Guiot, Olivier (2009) *Os processos de negociações identitárias nas culturas expressivas juvenis. O caso do kuduro na área metropolitana de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Imigrações Inter-Etnicidades e Transnacionalismo. Universidade Nova de Lisboa.
- Gusmão, Neusa Maria Mendes de (2004) *Os filhos da África em Portugal: Antropologia, multiculturalidade e educação*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hall, Stuart (2003) *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Hall, Stuart, e Tony, Jefferson Ed. (1976). *Resistance through Rituals*. Londres, Hutchinson.
- Machado, Fernando Luís (1994) “Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade”. *Revista Sociologia: Problemas e Práticas*. Lisboa, n. 16: 111-134.
- Machado, Fernando Luís (2003). Imigração e imigrantes em Portugal: parâmetros de regulação e cenários de exclusão. *Revista Sociologia: Problemas e Práticas*, n.º 4, pp. 183-188
- Marcon, Frank (2005). *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Letras Contemporâneas: Florianópolis.
- Marques, João Filipe (2007) Do “não racismo” português aos dois racismos dos portugueses. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P. (ACIDI) Outubro. (Teses; 12). 322p.
- Martin-Barbero, Jesús (2008) A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. FREIRE FILHO, João e BORELLI, Silvia (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. Educ: São Paulo, 2008.
- Miller, Daniel (2007) Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez.
- Ortner, Sherry (2007) Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: Grossi, Miriam Pilar et alli (org). *Conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, pp 45-80.
- Pais, José Machado (2003). *Culturas juvenis*. 2ª.ed. Lisboa: INCM.
- Relatório de Actividades: imigração, fronteiras e asilos - 2009. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010). Departamento de Planeamento e Formação: Oeiras. Portugal.
- Rosales, Marta e outros (2009) *Crescer Fora D'Água?: expressividades, posicionamentos e negociações identitárias de jovens de origem africana na Região Metropolitana de Lisboa*. Alto Comissariado para Imigração: Lisboa (Coleção Estudos Observatório da Imigração, n. 37).

Simmel, Georg. (2004) *The Philosophy of Money*. Third enlarged edition. London and New York: Routledge.

Simões, José Alberto (2011) *Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip-hop português*. Lisboa: ICS.

¹ A pesquisa que deu origem a este texto foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa, Brasil (CNPq), como bolsa de Pós-doutoramento em Antropologia, no ano de 2010. Outras versões bastante modificadas deste texto foram apresentadas em outros eventos no Brasil e na Espanha.

² Entendo estilo de vida a partir das teorias que associam a manifestação do gosto e do consumo entre os grupos sociais, como um critério de afinidade relacional, que pode estar atravessado ou não por outros critérios sociais, como: classe, gênero, etnicidade, geração, entre outros. Isto implica a existência de algumas práticas e rituais associados aos usos e ao consumo convencionados de alguns objetos por aqueles que são associados a um determinado estilo. Na década de setenta, alguns autores do CCCS utilizaram a noção de forma semelhante, mais tarde Mike Featherstone (1990), aprimora a relação entre estilo de vida e consumo, argumentando que o primeiro carrega subjetividades com relação ao segundo. Não é apenas o ato de consumir, mas o quê, o modo, em que contexto e o que os sujeitos dizem sobre, que implicam na demarcação do estilo.

³ Sobre a relação entre juventude e imigração, em Portugal, vários trabalhos acadêmicos estão publicados no endereço eletrônico do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (<http://www.acidi.gov.pt/>).

⁴ Um programa de ocupação de tempo livre, denominado de “Programa Escolhas”, que está vinculado ao governo português, através do ACIDT, subsidia os projetos vinculados às associações, que mantém contato com os jovens interessados em algum tipo de envolvimento com a dança, a música e outras modalidades de ocupação. O “Programa” auxilia iniciativas para ocupação dos jovens em atividades extra-escolares.

⁵ Grupo do bairro Cacém, na linha de Sintra que, em 2006, foi incluído na compilação, gravada em cd-rom, “Nove Bairros Nove Sons”, da Fundação Calouste Gulbenkian, projeto colaborativo com o “Programa Escolhas” e integrado no ciclo de atividades comemorativas do cinquentenário da Fundação, denominado “O Estado do Mundo”. Quando estive com o grupo, me disseram que não estão mais atuando com a mesma intensidade.

⁶ Sobre a relação entre o mercado da indústria fonográfica e a internet, considerando o redimensionamento do formato de produção, distribuição e consumo musical, existem algumas análises acadêmicas interessantes sendo produzidas, discutindo principalmente questões sobre o impacto dos direitos autorais e das novas lógicas de regulação da música digital. Neste artigo meu enfoque se concentra nas práticas dos jovens em torno do kuduro e de um estilo de vida correspondente. Como este estilo se caracteriza, em grande parte, por constituir uma cadeia de produção, circulação e consumo de música, alheia a tal indústria e mercado (pelo menos da forma que por tal segmento são entendidos estes termos), apesar de considerar importante uma análise aprofundada e comparativa sobre tais questões, elas necessitariam de uma dedicação muito mais ampla e não convenientes para o espaço e os objetivos destinados a este artigo. Sobre o tema, no ano de 2010, durante o *XI Congresso da SIBE - Sociedad de Etnomusicologia*, vários expositores apresentaram trabalhos “A música na Internet”. Ver, por exemplo, o livro de resumos no endereço do evento: <http://www.fcsh.unl.pt/inet/sibe+/pt/page20/page20.html>

⁷ Sobre as expressões *on-line* e *off-line*, largamente utilizadas nos estudos sobre o uso social da internet, elas estão significando neste artigo, respectivamente “através do internet” e “fora da internet”, ou conectado e desconectado. Para uma contextualização melhor do uso ver Simões (2011).

⁸ Falo de estilos de vida associados à música. Para constar, cito alguns estilos que contrastam com kuduro e mantêm suas próprias características de práticas e representações, como: o rap, o reggae e os estilos associados ao rock, só para citar alguns.

⁹ A velocidade da comunicação e como a informação em tempo real, o diálogo e o debate permitem que vários indivíduos separados territorialmente formem, perpetuem ou re-elaborem noções sobre comunidades de imaginação e interesse dirigidos por experiências da diáspora. Com isto, comunidades são criadas ou mediatizadas através do acesso ao software e ao hardware, necessários para se ligar as grandes redes internacionais de computadores. Informação e opinião fluem concomitantemente (Appadurai, 2004).